



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



## **A fotografia como fonte investigativa no filme *Millennium – os homens que não amavam as mulheres*<sup>1</sup>**

**Kalina Aires Soares<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A fotografia, enquanto captura bidimensional estática, não raramente está presente em cenas do cinema, porém, quase sempre essa participação se dá como figurante. Este artigo analisa, a partir de pesquisa bibliográfica, seu uso como ferramenta de investigação no longa-metragem *Millennium – os homens que não amavam as mulheres* (2011), um filme no qual a fotografia é uma personagem coadjuvante, muitas vezes se tornando protagonista na resolução de uma série de crimes.

**PALAVRAS-CHAVE:** investigação fotográfica; memória; indícios; fotojornalismo

*Na tentativa de “descongelarmos” o documento poderemos, talvez, devolver aos cenários e personagens sua ânsima, ainda que seja por um instante.*

Boris Kossoy

### **INTRODUÇÃO**

*Millennium – Os homens que não amavam as mulheres*, filme baseado no livro homônimo, apresenta uma trama repleta de mistérios, que prendem o espectador do início ao fim. O enredo se passa na Suécia e tem início com o jornalista Mikael Blomkvist, editor de uma importante revista de Estocolmo, perdendo uma causa movida contra ele pelo magnata Hans-Erik Wennerström, a quem ele acusou, em uma reportagem investigativa, de alguns crimes sem provas suficientes.

Seguindo na trama, um outro magnata, de nome Henrik Vanger, desafeto de Hans-Erik, contrata Blomkvist para investigar um fato ocorrido 40 anos antes, envolvendo sua família – o desaparecimento de sua sobrinha-neta Harriet. Vanger oferece bons pagamentos a Blomkvist e lhe promete como recompensa, caso

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT1 - “Fotografia documental, memória e fotojornalismo”.

<sup>2</sup> Fotógrafa graduada em Comunicação pela Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: kalinaairessoares@gmail.com



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



resolva o caso, provas que completem o quebra-cabeça da reportagem que lhe causou prejuízo e desonra.

Blomkvist aceita a proposta e embarca em uma investigação um tanto complexa em fatos, número de lugares e personagens, de tal modo que para sua compreensão, cria um fluxograma. Para desvendar o principal mistério da trama, Blomkvist tem como coadjuvantes a sagaz investigadora Lisbeth Slander e a fotografia.

Este artigo persegue alguns passos dessa investigação e busca compreender, à luz de pesquisa bibliográfica, os percursos metodológicos empregados para a solução do caso e demonstrar, a partir de outros exemplos que tais resultados podem ser obtidos no espaço da não ficção.

### **A fotografia como fonte de pesquisa e documento**

A fotografia alcança seu *status* documental no âmbito acadêmico a partir da década de 1980 (BONI, 2014, p. 254). Essa conquista se deu a partir da renovação teórico-metodológica das ciências sociais trazida pela corrente historiográfica que ficou conhecida como Nova História – movimento que tomou corpo no início do século XX.

De acordo com Kossoy, o caráter documental da fotografia propicia estudos segundo diferentes abordagens e vertentes investigativas, uma vez que a mesma “(...) não deixa de ser, ao mesmo tempo, OBJETO e FONTE, posto que se refere a um mesmo início, a uma gênese única: sua criação e materialização se deram em determinado local e num preciso momento.” (KOSSOY, 2007, p.34)

Adentrando no universo do filme aqui analisado, ressaltamos uma curiosa coincidência: o policial responsável por inspecionar o desaparecimento de Harriet no dia do ocorrido se chama Morell, o que é impossível, a quem pesquisa indícios em fontes de pesquisas no âmbito da História, não associar a Giovanni Morelli<sup>3</sup> – que junto a Arthur Conan Doyle e Sigmund Freud são tidos, pelo historiador Carlo

---

<sup>3</sup> Giovanni Morelli foi, dentre outras coisas, médico e historiador da arte. Desenvolveu um método de investigação que analisa a veracidade da autoria de obras de arte a partir de minúcias muitas vezes ignoradas como o formato das orelhas de personagens secundários.



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



Ginzburg, como precursores do modelo epistemológico que ele cunhou como “Paradigma Indiciário” (GINZBURG, 1990).

A questão indiciária é justamente o caminho para toda a pesquisa demandada no filme. Sobre os indícios iconográficos inerentes a qualquer fotografia, Kossoy (2007) diz que através deles é possível o observador acessar pistas de eventos não experimentados por si e que esses indícios, “acrescidos de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica” carregam a fotografia de sentido.

Os indícios da investigação empreendida por Blomkvist e Lisbeth têm como ponto de partida um relato de Henrik Vanger, acompanhado do relatório policial sobre o dia do desaparecimento de Harriet e algumas fotografias. Daí por diante, a análise dessas fontes e seus respectivos conteúdos serão o “fio de Ariadne” da busca pelo fim do mistério.

### **Os diversos papéis da fotografia na investigação do filme**

A fotografia surge em *Millenium* aos 16'50”, em uma cena na qual Henrik Vanger, enquanto convencia Blomkvist a aceitar a proposta da investigação, apresenta-lhe sua família, a partir de um álbum (**Figura 1**). Já podemos destacar, a partir desse momento, o prenúncio do alcance e potencialidade do registro fotográfico na trama enquanto instrumento de pesquisa, “(...)elemento de fixação de memória, entre outros de seus múltiplos usos e aplicações” (KOSSOY, 2007, p.28).

Concernente à memória, mais especificamente, é possível observar claramente, durante a cena mencionada, a fotografia exercendo o papel de “(...) registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos” (KOSSOY, 2007, p.131), e, além de preservar a memória coletiva, é também

a memória individual pessoal (...): a aparência do homem congelada, num dado momento de sua trajetória, o objeto-relicário mantendo a lembrança, através dos retratos de família, de uma época desaparecida. (KOSSOY, 2007, p.132)



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



Após apresentar Harriet e outros familiares a Blomkvist, Vanger faz um relato do desaparecimento de sua sobrinha o qual parte é transcrito<sup>4</sup> a seguir, uma vez que nele residem os indícios que são ponto de partida da investigação:

Foi em 24 de setembro de 1966, um sábado. Harriet tinha 16 anos. Meus irmãos, as esposas, filhos e netos estavam todos reunidos aqui para nosso terrível jantar anual de negócios. E era quando o late Clube organizava seu desfile de outono. Harriet foi assisti-lo com amigas do colégio. Voltou um pouco depois das 14h. Ela veio à saleta e pediu para falar comigo. Eu, realmente, não me lembro o que me parecia tão mais importante, mas pedi que esperasse alguns minutos. E nesses poucos minutos, outra coisa aconteceu. A colisão, que não teve nada a ver com a Harriet, mas teve tudo a ver. Um caos. (...) Polícia, ambulância, bombeiros, jornalistas, fotógrafos, curiosos acorreram à cidade, enquanto nós, da ilha, e a família, acudíamos à ponte pelo nosso lado. O motorista do carro, chamado Aronsson, ficara prensado e gravemente ferido. Tentamos soltá-lo apenas com as mãos, pois fagulhas acarretariam uma explosão. Uma hora depois da colisão, Harriet estava na cozinha. Anna a viu. Retirado, afinal, do carro, o pobre Aronsson foi despachado ao hospital. Enquanto nós, do nosso lado, íamos voltar para casa. Já era noite, a comoção havia passado. E nos sentamos para o jantar. Só, então, me dei conta que Harriet não tinha aparecido. E continuou desaparecida no dia seguinte. (MILLENIUM, 2011)

Como consta na narração de Henrik Vanger, no dia do desaparecimento de Harriet, a mesma fora à cidade assistir ao desfile de outono do late Clube, algumas horas antes de seu sumiço. Esse evento, a partir de 1h1min do filme, torna-se cenário das fotografias que Blomkvist retira de uma caixa (**Figura 2**) – provavelmente de uma das que foram entregues a ele pelo empregado de Henrik Vanger, de nome Gunnar, no minuto 29 da trama.

---

<sup>4</sup> Transcrição feita a partir da legenda do filme.

**Figura 1** – Vanger apresenta sua família a Blomkvist



Fonte: Compilação do autor<sup>5</sup>

**Figura 2** – Blomkvist analisa as fotografias do desfile



Fonte: Compilação do autor

---

<sup>5</sup> Para a Figura 1 e 2, trata-se de montagem a partir de imagens coletadas através de *print screen* da tela, via Netflix.



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



Naquela coleção, o jornalista encontra um indício interessante que vai guiá-lo na investigação. Trata-se de um carimbo no verso de uma fotografia na qual Harriet aparece, com os dizeres “Hedestads Kuriren”. *Hedestads* é o nome da cidade a que pertence a ilha onde vive a família Vanger, desde antes do desaparecimento de Harriet, e a palavra *Kuriren*, corresponde à palavra “correio”, também usada em nomes de jornais<sup>6</sup>, o que adiante o filme vai mostrar tratar-se de um estabelecimento jornalístico:

Além da determinação da data, nome do autor ou carimbo do estabelecimento, por meio da imagem é possível identificar processos e materiais que podem auxiliar na identificação do período de produção ou da autoria, quando esta não é conhecida. O objeto também traz em si as marcas dos caminhos que percorreu, dos circuitos sociais pelos quais passou. (BONI, 2014,p.74)

Dotado daquelas informações e com a fotografia em mãos, Blomkvist vai até a sede do jornal em busca de mais informações no arquivo. Mas antes, ele visita o local de uma das tomadas fotográficas que tem em sua posse e como se realizasse o que Boni (2014, p. 17) diz que “a Academia deu o nome de ‘revisita histórico-iconográfica””, o detetive sobe na varanda de um hotel para observar a cena registrada na fotografia do mesmo ângulo de quem a captou.

Ao dispor da sequência de fotos referentes à cena analisada inicialmente as imagens parecem ganhar vida e outros indícios importantes são destacados (**Figura 3**): o primeiro concerne aos movimentos e expressões de Harriet em determinado momento do desfile- justificados e descritos pela mesma ao final do filme<sup>7</sup>; o segundo é a presença de uma mulher que fotografa em direção à visão da jovem no momento em que a mesma se retrai.

---

<sup>6</sup> Como o Eskilstuna-Kuriren ou o Vasterbottens-Kuriren; no Brasil, de modo semelhante, temos o Correio da Paraíba, Correio Braziliense, Correio do Povo etc.

<sup>7</sup> “(...) achei que talvez o pesadelo tivesse, finalmente, acabado. E aí, eu o vi naquele dia no desfile do outro lado da rua. E eu vi que aquilo nunca acabaria.” (Harriet em conversa com Blomkvist, nas cenas finais do filme)



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



**Figura 3** – Blomkvist tem acesso a outras fotografias do desfile e encontra mais indícios



Fonte: Compilação do autor

Tais revelações reforçam o valor dos detalhes na natureza indiciária da fotografia, detalhes esses, aparentemente insignificantes, mas que não podem ser desconsiderados: “No caso de uma cena de rua, algum elemento fora da área de interesse, à primeira vista sem importância, pode ser decisivo.” (Kossoy, 2007, p.41). Ao ato de esmiuçar esses elementos da imagem, podemos fazer um paralelo ao que Flusser (2013) chamou de *scanning*:

O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser 'aprofundar' o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem. Tal vaguear pela superfície é chamado *scanning*. (FLUSSER, 1920, p.7)

Ainda sobre os momentos das figuras 2 e 3, é imprescindível destacar, além do aspecto indiciário, o poder da fotografia enquanto documento, uma vez que "(...) as fontes que as compõem são meios de conhecimento: registros visuais que gravam microaspectos dos cenários, personagens e fatos;" (KOSSOY, 2007, p.35), E são exatamente esses microaspectos, analisados por Blomkvist nas fotografias as quais ele tem acesso, que os leva a caminhos importantes da investigação, reforçando, ainda mais, a força documental e expressiva do registro fotográfico.



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



A descoberta da fotógrafa nas imagens do desfile foi um passo crucial e, com a ajuda de Lisbeth para levantar mais indícios e pistas, Blomkvist encontrou a moça (**Figura 4**) depois de anos daquele dia que marcou o desaparecimento de Harriet. Ao ter acesso ao seu álbum pessoal com as fotografias capturadas no evento, mais especificamente as que seguiam a perspectiva da visão de Harriet, o jornalista se deteve a uma delas (**Figura 5**). Essa fotografia, digitalizada por Blomkvist com a permissão da fotógrafa, serviu para Blomkvist identificar rostos de pessoas suspeitas, tornando-se elemento crucial na investigação (**Figura 6**).

**Figura 4** – Lisbeth e Blomkvist analisam imagem do desfile na qual uma fotógrafa aparece e Blomkvist se encontra com essa fotógrafa, anos depois daquela foto



Fonte: Compilação do autor





III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



**Figura 5** – Fotografia do álbum na qual Blomkvist deteve sua atenção



Fonte: Reprodução de tela

**Figura 6** – Fotografia do álbum, digitalizada por Blomkvist, na qual identificou rostos suspeitos



Fonte: Reprodução de tela

Sobre esse momento da investigação, é interessante destacar o que Kossoy (2007, p.70) chama de “História Fotográfica dos Anônimos”, considerando relevante e tarefa decisiva resgatar os fotógrafos do anonimato, “seja sob o ângulo da história social e cultural da fotografia, seja sob a perspectiva da memória histórica”, propiciando, assim, um campo elucidativo de descobertas.

Ainda sobre esse aspecto do anonimato, a contextualização de uma fotografia torna-se tarefa difícil “uma vez que a identidade dos fotografados e dos fotógrafos é muitas vezes desconhecida, e as próprias fotografias, originalmente- em muitos casos, ao menos - são oriundas de uma série e foram separadas do projeto ou do álbum no qual eram inicialmente mostradas” (BURKE, 1937, p.37) . E é exatamente boa parte dessa questão que vemos ser resolvida durante a trama.

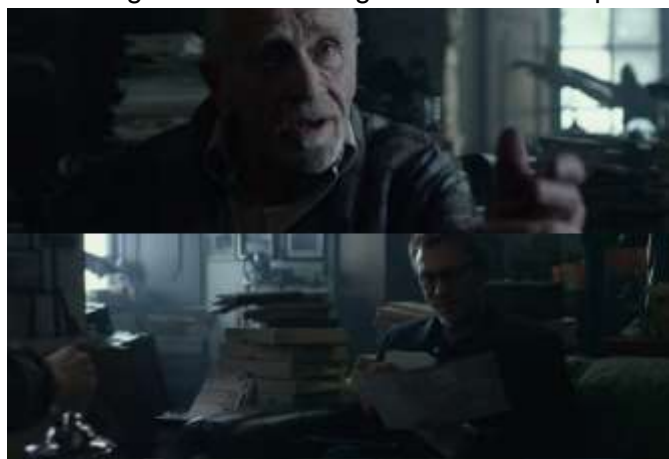


III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



Há outro momento do filme no qual a consulta aos “fotógrafos anônimos” e a própria fotografia, com o bônus de sua contextualização, são ponto-chave na investigação. Trata-se do encontro de Blomkvist com um senhor conhecido pela família de Harriet (**Figura 7**), e que no dia do desaparecimento da jovem, fotografava no local da colisão mencionada por Vanger no relato aqui descrito inicialmente. No entanto, o foco da busca do jornalista é pelas suas fotografias mais informais, e ao ter acesso às mesmas, Blomkvist se interessa por um rosto borrado (**Figura 8**) que aparece em uma delas: “*É o filho de Gottfried. É o Martin. Bonitão, mas imprestável igual ao pai*”, informa-lhe o senhor.

**Figura 7** – Um senhor amigo da família Vanger mostra seu arquivo de fotos mais informais



Fonte: Compilação do autor

**Figura 8** – Fotografia na qual aparece o rosto borrado de Martin Vanger



Fonte: Reprodução de tela



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



Tanto essa fotografia, como a outra capturada pela fotógrafa presente no desfile, serviram de peças cruciais para a montagem do quebra-cabeça final do mistério. No entanto, é importante destacar o trabalho de Lisbeth, que paralelamente às buscas e descobertas de Blomkvist, se deteve a uma pesquisa minuciosa na qual a fotografia também se fez presente.

Dentre os vários materiais de consulta presentes na investigação de Lisbeth, estiveram os arquivos de jornais antigos e revistas da época do desaparecimento de Harriet (**Figura 9**). As fotografias, com caráter fotojornalístico nesse tipo de mídia, “são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado” (SOUSA, 2004). Reforçando a realidade da trama, ainda podemos acrescentar, nas palavras de Kossoy (2007, p.104), que “não só complementam as informações transmitidas pelas fontes escritas, como, também, enriquecem o conhecimento com dados reveladores”.

Tal potencialidade da união entre imagem e texto é vista, ainda mais claramente, no momento em que Lisbeth consulta a legenda de uma das fotografias e confirma a presença da pessoa suspeita: “Martin Vanger (canto direito) estudante de Uppsala” (**Figura 10**). E então, numa espécie de trabalho iconográfico (BURKE, 1937), justapondo textos e outras imagens à imagem que eles desejam interpretar, Lisbeth e Blomkvist chegam ao mesmo ponto (**Figura 11**).

**Figura 9** – Lisbeth consulta jornais antigos e revistas



Fonte: Compilação do autor



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



**Figura 10** – Lisbeth consulta a legenda de uma das fotografias e confirma a presença da pessoa suspeita.



Fonte: Compilação do autor

**Figura 11** – Justapondo textos e imagens, Lisbeth e Blomkis chegam ao mesmo ponto



Fonte: Compilação do autor

A partir desse momento, o filme se desenrola de modo que um clímax é alcançado e pode-se notar uma transição sensitiva e temporal: o passado, representado pela realidade das fotografias analisadas, com seus cenários e personagens, é substituído pelo presente, onde os mistérios são desvendados e as suspeitas, além de confirmadas, se mostram - nas figuras de Martin Vanger e Harriet.



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)  
Campina Grande, PB  
26 a 30 de Outubro de 2020



## CONCLUSÃO

Com base no que foi analisado, percebemos a relevância da fotografia em diversos momentos da investigação que permeia a trama, muitos deles marcantes e decisivos.

A partir dessa intensa e predominante atuação, podemos destacar a fotografia como uma personagem que navega fluidamente entre os papéis de coadjuvante e principal, apresentando-se em variados contextos nos quais demonstra sua versatilidade e poder enquanto ferramenta de informação.

Memória, natureza indiciária, documento e fotojornalismo foram alguns dos aspectos analisados que exemplificam esse papel versátil, o que também nos leva a refletir sobre o leque extenso de discursos e abordagens que a fotografia possui.

De acordo com o que foi explanado, também é interessante concluir sobre o quão rico pode ser um estudo intertextual entre diferentes expressões artísticas, que nesse caso, aliou a fotografia ao cinema.

## REFERÊNCIAS

BONI, Paulo César. **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. Londrina : Midiograf, 2014.

BURKE, Peter, **1937- Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**; São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. 92 p. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2013.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 176 p. 2. ed. Cotia: Ateliê, 2007.

MILLENNIUM – Os Homens Que Não Amavam As Mulheres. Direção: David Fincher. Produção: Søren Stærmose, Ole Søndberg, Scott Rudin e Ceán Chaffin. Produtora: Film Rites Metro-Goldwyn-Mayer Scott Rudin Productions Yellow Bird Films. Data: 20 de dezembro de 2011. DVD (158 min), son., color. Formato de Tela 325.

SOUSA, Jorge Pedro de. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas, à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.